

A Vida de Dona Rosa: o Cotidiano de Uma Moradora da Rua Caminho do Horto, em Juazeiro do Norte (CE)¹

Leylianne Alves VIEIRA²

Marcelo Eduardo LEITE³

Universidade Federal do Ceará, Juazeiro do Norte, CE

RESUMO

Este texto se propõe a apresentar um ensaio fotográfico realizado na Rua Caminho do Horto, em Juazeiro do Norte (CE), com a personagem Rosalva da Conceição Lima, moradora do lugar há cerca de 50 anos. No bairro do Horto, localizado nas proximidades da estátua do Padre Cícero e amplamente visitado por conta do turismo religioso, Dona Rosinha, como é mais conhecida, se apresenta como personagem detentora de características de resistência naquele ambiente, no qual cultivava hábitos que detém desde que chegou a Juazeiro do Norte, vinda de Alagoas, em 1926. A aproximação com a vida de Dona Rosa se deu através de visitas que se estenderam por cerca de um mês e que nos levaram por diversos meandros do cotidiano da retratada, sempre sendo convidados por ela.

PALAVRAS-CHAVE: cotidiano; fotografia; ensaio; Juazeiro do Norte; Horto.

1 INTRODUÇÃO

A cidade de Juazeiro do Norte, povoado elevado a esta categoria em 1914, cresceu sob a égide da figura do Padre Cícero, tido, hoje, como santo popular. Nos primeiros anos de existência da localidade, o padre estabeleceu uma gama de ações a fim de melhorar o ambiente que, na época, estava fortemente envolvido com o alcoolismo e a prostituição. A maior parte de suas ações se voltava para a evangelização e a moralidade⁴.

Entre tais ações, incentivou a população a estabelecer em cada casa um altar e uma oficina. Especialmente os residentes no espaço que conduzia para o local de reflexão do pároco, localizado em uma colina da cidade, hoje chamado de Bairro do Horto, seguiram esta

¹ Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Produção Transdisciplinar, modalidade PT 03 Ensaio fotográfico artístico (conjunto).

² Aluna líder do grupo e estudante do 7º Semestre do Curso de Comunicação Social (Jornalismo), email: leyliannealves@yahoo.com.br.

³ Orientador do trabalho. Professor Adjunto II do Curso de Comunicação Social (Jornalismo), email: marceloeduardoleite@gmail.com

⁴ Disponível em: <<http://cidadebrasileira.brasile scola.com/ceara/historia-juazeiro-norte.htm>> . Acesso em 01 abr. 2013.

recomendação mais fortemente. Ainda hoje é possível ver, na atual Rua Caminho do Horto, casas abertas, dando vistas a estes locais de oração.

Atualmente, o Horto não mais abriga apenas locais de influência da religião católica: espaços de práticas de outras religiões se misturam no perímetro que, *a priori*, continha majoritariamente representações daquela religião. No entanto, em meio às modificações, algumas residências se apresentam como representações da resistência desta cultura. Isto se dá especialmente entre as famílias que residem há mais tempo no lugar, que se estabeleceram ali quando a influência do Padre Cícero se apresentava maior, e mesmo entre aqueles que para o Horto se dirigiram buscando uma maior proximidade com a imagem do padre, ainda viva na forma de uma estátua que pode ser vista a partir de diversos pontos da cidade.

Entre os habitantes do Bairro do Horto, destaca-se a figura de Rosalva da Conceição Lima, mais conhecida como Dona Rosinha. Aos 92 anos de idade, ela mora sozinha em uma pequena casa, na Rua Caminho do Horto. Mesmo sem filhos e viúva, Dona Rosa está sempre com alguma companhia, tendo em vista que durante os últimos 50 anos vive na mesma casa, cuidando de seus vizinhos e participando das celebrações católicas da região.

Dona Rosinha nasceu em Palmeira dos Índios, no estado de Alagoas, no ano de 1920. Aos seis anos de idade, partiu com os pais para morar na cidade de Juazeiro do Norte. Casou-se em 1935 e passou a viver da agricultura, juntamente com seu esposo. Ambos cultivavam uma pequena roça no Horto, distante cerca de uma hora do local onde residiam. No entanto, no ano de 1962, os mesmos se viram obrigados, por conta da pequena roça, a irem morar no bairro do Horto.

Desde aquele ano, Dona Rosa reside na mesma casa. Além de trabalhar com a agricultura, ela também se dedicou ao artesanato: aprendeu com uma vizinha como fazer o famoso chapéu de palha de trança dos romeiros de Juazeiro do Norte. Até hoje ainda trabalha a palha, mas sua produção reduziu-se bastante, em função da resistência que, atualmente, a palha aplica sobre suas mãos.

No ano de 1997, Dona Rosa ficou viúva. Desde então, dedica-se apenas aos afazeres de casa e às celebrações católicas, tais como missas, renovações e novenas. É madrinha de muitos de seus vizinhos e dos filhos destes. Em meio à caótica evolução do ambiente onde vive, Dona Rosinha continua desenvolvendo os mesmo hábitos ao longo dos anos: no período de chuva, cultiva uma roça nos fundos de casa; todos os anos realiza a renovação do coração de Jesus em sua residência; em períodos de romaria, oferta água aos penitentes; entre outras tantas ações que desenvolve ao longo dos dias.

Sendo assim, neste ambiente de modificações e, ao mesmo tempo, de resistências, Dona Rosa se apresenta como uma personagem que explicita por meio de seus atos cotidianos, uma forma diferenciada e, ao mesmo tempo, histórica, de vivência naquela região, bem como desenvolve atividades hoje pouco vistas e mesmo nutre relações específicas de sua cultura de criação.

2 OBJETIVO

O ensaio fotográfico aqui apresentado pretende, por meio de imagens que são fruto da imersão no cotidiano de Dona Rosa, moradora da Rua Caminho do Horto, na cidade de Juazeiro do Norte, CE, explicitar aspectos da cotidianidade da nossa personagem e, no bojo desta aproximação, compreender de que forma se dá a sua resistência neste meio que vive rápido processo de mudança, vislumbrando ainda como é a relação de tal personagem frente às manifestações diversas que fazem parte de sua rotina, tendo este percurso sido guiado pela própria retratada ao longo de seus espaços de convívio. Desta forma, o presente texto objetiva apresentar o registro fotográfico do cotidiano desta personagem, considerando-a como sujeito que representa, por meio de seu dia-a-dia, a resistência local às transformações sociais e culturais.

3 JUSTIFICATIVA

A Rua Caminho do Horto é emblemática para o nascimento e o crescimento da cidade de Juazeiro do Horto. Mesmo estando toda a cidade ligada fortemente às manifestações religiosas católicas, especialmente por conta do turismo religioso, é neste ambiente, nas

proximidades da estátua do Padre Cícero, que as ações cotidianas se mantêm mais ligadas à história local.

Sendo assim, Dona Rosa, sua residência, suas ações e inter-relações se apresentam como um documento da região, uma representação cultural e imagética das primeiras pessoas que chegaram à cidade e que apresentam resistência às modificações físicas e culturais do local. Desta forma, o ensaio aqui apresentado pode ser tido como uma representação da resistência de parte da população daquela região por meio da fotografia, podendo este ser entendido como uma forma de expressão da cultura local e mesmo do nosso olhar em relação àquelas manifestações.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para a realização do trabalho desenvolvemos um ensaio sem, no entanto, nos prender a um esquema pré-determinado. Uma vez feito o contato com a retratada, mergulhamos no seu cotidiano, buscando fazer da prática fotográfica um processo de interação com a realidade observada, no sentido de, diante dos acontecimentos, fomentar uma aproximação para com os mesmos.

Realizamos o trabalho com uma câmera Nikon D3100, com objetiva 18-55mm, f/3.5-5.6G VR. Não utilizamos *flash* e optamos pelo ISO variável, de acordo com o ambiente e o horário. A seleção das fotografias foi feita durante reuniões semanais entre aluno e professor e optamos pelo uso da cor.

No decorrer dos trabalhos, foram realizadas 310 fotografias, distribuídas em quatro visitas, ao longo de cerca de um mês. Paralelamente à prática fotográfica, foi construído um livro de anotações onde constam as principais informações reveladas pela retratada durante as conversas, bem como percepções referentes às visitas e informações implícitas nos diálogos.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O produto final é composto por uma série de 12 fotografias que descrevem imagetivamente o cotidiano de uma personagem residente à Rua Caminho do Horto, partindo dos acontecimentos que a envolvem em seu cotidiano. Foram realizadas quatro visitas àquele ambiente, nos quais deixamos que a retratada nos conduzisse em seu percurso natural naquela rua. Os trabalhos foram realizados no âmbito da disciplina Laboratório de Fotojornalismo, no curso de Comunicação Social (Jornalismo), da Universidade Federal do Ceará, *campus* Cariri.

Nossa pesquisa elabora um processo de aproximação para a realidade estudada e, neste ensaio, procuramos uma aproximação para com o conceito da reportagem dialógica, na qual se estabelece uma problematização com relação à postura da fotografia que trabalha a ideia de distanciamento, recuo e desprendimento (ROUILLÉ, 2009, p. 182). Nos termos de André Rouillé, tal modalidade de produção fotográfica “[...] não procura representar, registrar, captar aparências, mas exprimir situações humanas que ultrapassem amplamente a ordem do visível” (2009, p. 184). Seria, segundo ele, a transformação do Outro de objeto em “[...] sujeito, um ator, um parceiro; e o fotógrafo sai da solidão e do distanciamento em relação ao mundo [...]” (2009, p. 184). Em outras palavras, em nosso processo, fotografar Dona Rosa configurou-se numa experiência que ultrapassou uma relação de busca imediata de uma imagem emblemática e com poder de síntese, direcionando-se para um processo de reconhecimento da sua própria cotidianidade, dos seus fazeres, mergulhando nas suas relações pessoais e, em meio a isso, houve a produção de imagens. Notamos que, em nossa experiência, evidenciamos um processo de desenvolvimento da série fotográfica na qual a realidade retratada deu o sentido da elaboração das imagens.

No processo, ao contrário de uma perspectiva de documentação, buscou-se abolir a divisa entre o fotógrafo e o seu retratado, permitindo entre ambos uma interação. No desenvolvimento da proposta decidimos deixar que Dona Rosa e seu cotidiano, seus momentos, dessem o rumo ao processo. Procuramos não interferir nas suas ações e, ainda, nos dedicamos um longo tempo à elaboração das imagens. E, finalmente, não trabalhamos com roteiro, deixando a subjetividade do encontro mover a produção de imagens e, durante estas visitas, foram acompanhados diversos espaços e ações, tais como: um dia de novena

na comunidade, o acompanhamento de uma obra nos fundos da casa, o aniversário de Dona Rosa, a renovação de sua casa, entre outros. Durante todos estes momentos, foi-se estabelecendo uma relação com a fotografada, de forma que conversas foram desenvolvidas, nas quais a mesma descreveu sua vida. Nossa relação se deu num processo no qual fomos adentrando na sua intimidade. Isso fez da fotografia, não só uma forma de registrar o visível, muito menos a de buscar em poucas imagens o fechamento do nosso ensaio, mas de ter na convivência uma chave de abertura de uma realidade específica que não é a nossa. Diante disso, podemos dizer que escutamos, entendemos e fotografamos essa realidade. Desta forma, identificamos esse processo como uma equação na qual o fotógrafo estabelece uma mediação diante da realidade, configurando-se, como nos ensina Boris Kossoy, numa espécie de filtro cultural que faz uma mediação da realidade em seu processo de construção da representação fotográfica, vivendo “[...] uma aventura estática, cultural e técnica que irá originar a representação fotográfica” (1999, p. 26).

Após isso, nas atividades da disciplina e durante o (já mencionado) processo de análise e escolha das imagens, fomos guiados por dois critérios para a seleção das imagens. Primeiramente, devido ao próprio perfil da realização da série, respeitamos a ordem cronológica das fotografias, deixando que a ordem presente no processo vivido permanecesse no produto final. Por outro lado, ao escolher as fotografias, buscamos construir uma narrativa, permitindo uma melhor interação entre as fotografias selecionadas. Segundo Freeman, na disposição das imagens, “[...] seu arranjo pode estar baseado no tempo e no espaço, ou uma mistura dos dois [...]” (2012, p. 180). Diante disso, essa condução, a nosso ver, deve permitir um equilíbrio que favoreça a narrativa proposta. Trata-se, no entanto, de um processo que tem elementos objetivos, de equilíbrio entre as composições, as condições técnicas, as demandas da proposta do trabalho em questão e, subjetivos, já que tendo vivido com proximidade a realidade retratada, podemos dar ênfase a acontecimentos detentores de mais importância.

Tendo como referência e norte um indivíduo, nosso trabalho faz, por meio desta ligação, uma forma de condução da narrativa. Assim, o indivíduo fotografado não está somente à disposição para a realização das imagens, mas sim, é ela que permite o aprofundamento e o enriquecimento da série. Nos termos de Kenneth Kobre (2011), direcionar o trabalho para as particularidades da personagem, nos ajuda a definir o foco da série (p. 238). Assim, essa

relação entre o fotógrafo e seu retratado é, sem dúvida, de grande importância. Ainda segundo o autor, utilizar “[...] uma pessoa como fio condutor vincula imagens específicas como conchas em um colar” (p. 238). Buscamos, então, construir uma unidade narrativa, fazendo de uma série de momentos um bloco único, mais capacitado em transmitir a realidade observada.

Sendo assim, após finalizar nossos trabalhos, obtivemos o ensaio apresentado a seguir (Figura 1):



Figura 1: Ensaio sobre Dona Rosa
 Autoria: Leylianne Alves Vieira

6 CONSIDERAÇÕES

A Rua do Horto é um espaço de resistência que se estabelece em meio ao percurso de caminhada dos milhares de romeiros que para Juazeiro do Norte se dirigem todos os anos. De mesma forma, a residência de Dona Rosa, seu cotidiano, suas ações, se apresentam, aos olhos desatentos, como uma vida comum e pacata. No entanto, aos olhos e câmeras que realizaram este trabalho, o cotidiano de Dona Rosinha nos permitiu aproximar de uma vida completamente diferente e alheia a nossa, ao passo que nos fez expressar, por meio de fotografias, a sua representação frente ao bairro onde mora, o lugar onde habita.

Ao mesmo tempo em que nos deixamos guiar pela retratada, em seus percursos naturais na comunidade, retratamos e expressamos outra visão da vida na Rua Caminho do Horto: a daquelas pessoas que cultivam suas vidas como as faziam no início de suas caminhadas naquele lugar, tendo como base o catolicismo, relações afetivas de proximidade com os vizinhos e, mesmo, abrindo suas portas para pesquisadores, fotógrafos, pessoas nunca antes vistas.

Sendo assim, a fotografia nos permitiu aproximar desta personagem, bem como a forma como os trabalhos foram guiados tornou possível a expressão do cotidiano de Dona Rosa por meio de um bloco de imagens organizadas cronologicamente, mas que nos deu a oportunidade de selecionar, por meio do convívio, aquelas passagens que se mostraram mais significativa para representar a complexidade que é a vida e as vivências da retratada.

REFERÊNCIAS

FREEMAN, Michael. **O olho do fotógrafo**. Porto Alegre: Bookman, 2012.

KOBRÉ, Kenneth. **Fotojornalismo**: Uma abordagem profissional. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções da Trama Fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

ROUILLÉ, A. **A Fotografia**: entre o Documento e a Arte Contemporânea. São Paulo: SENAC, 2009.